

O COMUNISMO

NAS PÁGINAS DA REVISTA
INTEGRALISTA ANAUÊ! (1935-37):
O INIMIGO (INTER)NACIONAL

Rodolfo Fiorucci¹

O Brasil e o mundo vêm enfrentando nos últimos anos, embora em graduações diferentes, a ascensão de movimentos, grupos e ideologias de extrema direita. Alguns deles com deliberado mote fascista. São manifestações nem sempre organizadas, mas que, em conjunto, revelam o espectro aterrorizador que se mantém vivo em parte da população, que resgata discursos de ódio e intolerância em nome de pretensos comportamentos, estruturas familiares, ideologias e religiões apontados como padrões de moralidade e respeito. Neste ínterim, a frase “que nunca mais se repita”, reproduzida incessantemente em 27 de janeiro de 2015, durante as cerimônias que relembrou os 70 anos de libertação dos prisioneiros de Auschwitz, soa distante.

É inegável que a imprensa tem papel fundamental na reascensão destes movimentos, tanto quanto teve nos anos 1930 e 1940, quando a humanidade se deparou com um dos maiores atentados da história – o holocausto. Na verdade, por meio da palavra impressa e/ou sonorizada pelas ondas do rádio, os movimentos fascistas propagandearam sua ideologia de forma eficaz no entre guerras, angariando adeptos às suas hostes cada vez mais numerosas².

No Brasil, os ecos destes grupos, nos anos 1920-1930, influenciaram determinados setores sociais que viram nesta ideologia e sua doutrina a opção inovadora e diversa em relação tanto ao comunismo como ao capitalismo. Não à toa surgiram grupos de tendências fascistas em território nacional, entre os quais o mais representativo daquele momento, a Ação Integralista Brasileira (AIB), chefiada pelo jornalista, político e escritor Plínio Salgado³. A AIB se valeu de mais de uma centena de jornais, panfletos e revistas oficialmente ligados ao partido para se pronunciar, além das frequentes notas, artigos e reportagens veiculadas na grande imprensa nacional, o que tornou o grupo conhecido no cenário político. Este artigo analisa uma destas publicações, a revista *Anauê!*, especialmente no que se refere à propaganda anticomunista.

A fim de caracterizar a publicação em questão, é importante situá-la no contexto das demais publicações integralistas, bem como seus objetivos e público específicos. A maioria se distinguia pela escrita doutrinária e maçante, voltada para o militante, o que reduzia sua capacidade de propagandear o movimento a público numeroso, inclusive dentro do próprio movimento, visto sua rigidez conteudística⁴. Esse entrave se agravava naquele cenário dos anos 1930, momento em que a imprensa ilustrada, por suas características mais leves, lúdicas, com abusos de cores, fotografias e imagens, contava com grande apreciação do leitor, traços estes que não faziam parte da imprensa verde⁵.

Para enfrentar esse problema a AIB lançou *Anauê!*, considerada sua principal revista, que circulou de maneira irregular entre janeiro de 1935 e dezembro de 1937. Num primeiro momento, *Anauê!* se voltava ao público integralista, mas a transformação da AIB em partido político, nos primeiros meses de 1935, fez toda a imprensa verde repensar seus procedimentos e posicionamentos, com vistas aos novos objetivos eleitorais⁶. A orientação era conseguir mais eleitores, objetivo para o qual *Anauê!* aparecia como peça fundamental, por conta de suas características.

Embora os poucos estudos que citam a revista a apontem como um mecanismo de aproximação do militante integralista comum ao movimento, é possível afirmar que os objetivos da revista mudaram junto com as pretensões eleitorais da AIB. Tais estudos não indicam esse reposicionamento, provavelmente por não tomarem *Anauê!* como objeto principal de análise, mas como uma fonte de pesquisa sobre outras temáticas⁷. A tese da qual o presente

artigo é parte, no entanto, ao tomar *Anauê!* como objeto e fonte de pesquisa, pôde compreendê-la em seu conjunto, identificando fases distintas, além de sérios problemas financeiros e de administração, elementos que evidenciam descontinuidades e variações importantes no que se refere aos objetivos e público alvo da revista. Tal análise permitiu identificar que o periódico em questão foi orientado a amenizar o conteúdo doutrinário para que ampliasse seu alcance, embora na prática tenha sido fracassado em tal empreitada, algo timidamente reconhecido pelo próprio Eurípedes de Menezes (diretor da primeira fase) quando deixou sua direção⁸.

Acompanhando os primeiros editoriais da publicação é clara a mensagem de que o militante era o alvo, que era uma revista feita para os integralistas, mas ao tomar a totalidade editorial de *Anauê!* fica evidente sua mudança gradual de postura e os direcionamentos, e talvez imposições, da AIB para que diversificasse seu público e conteúdo. É sintomático neste sentido, o Congresso de Imprensa Integralista, realizado em dezembro de 1936, em Belo Horizonte, quando a direção nacional da AIB rediscutiu a atuação de seu jornalismo, exigindo revisão de conteúdo para angariar público amplo, como demonstra a Diretiva abaixo:

[...] cumpre-nos pôr em foco a necessidade em que nos achamos de *dar aos nossos jornais uma orientação técnica que nos leve a actuar sobre o grande publico dentro das zonas onde circulam. Precisamos que as folhas, pequenas e grandes, interessem a massa dos leitores e não apenas os nossos companheiros*: para isso devem ellas se tornar noticiosas, actuaes e informativas, levando tanto quanto possível a nossa orientação ao exame das questões para que o publico está ou deve estar voltado⁹.

Findo o Congresso, a próxima edição de *Anauê!* surgiu com um novo diretor, Manoel Hasslocher, e seu editorial deixava claro seus novos objetivos:

“ANAUE!” entra numa nova phase de vida [...]. Se todas as revistas têm uma missão, a missão desta se desdobra agora imperiosamente deante de nós [...]. Essa energia vigilante a revista *fará presente em todos os lares do Brasil*.¹⁰

As orientações do Congresso de Imprensa e a substituição de Eurípedes de Menezes subsidiam a tese de que *Anauê!* não agradava à Direção Nacional da AIB já há algum tempo, pois não conseguia apresentar novidades que minorassem o teor doutrinário em suas páginas. Por mais que sustentasse atributos de uma publicação ilustrada, o uso dos mesmos se dava sem critérios claros, distribuídos em meio a textos doutrinários e maçantes. O excerto

final da citação supracitada é indicativo das novas diretrizes. Se na primeira edição de *Anauê!* a assertiva foi “Integralistas! – recebi a vossa revista. Ela é integralmente integralista, – dos integralistas e *para os integralistas*”,¹¹ sob a nova direção a ordem era chegar “*a todos os lares do Brasil*”.

Essas pretensões não contempladas revelam dificuldade editorial, mas não só. Seus expedientes, por exemplo, imprimiam a temporalidade “mensal”, contudo, publicou apenas 22 edições em três anos de circulação, sendo que chegou a ficar cinco meses sem ir às bancas; isto é indício substancial de problemas administrativos e financeiros, o que fomentava a indisposição do movimento com a atuação de *Anauê!*

Num mercado bastante concorrido, com revistas mais bem feitas e aceitas – *Cruzeiro*, *Revista da Semana*, *Fon-Fon e Careta* –, *Anauê!* teve dificuldades para ocupar espaço, pois adotou recursos técnicos e estilísticos do ramo ilustrado, mas abordou temáticas não comuns às revistas deste segmento e quando tratou de assuntos mundanos, dava sua interpretação particular ao tema, de acordo com o universo doutrinário fascista.

Impressa em papel *couché*, o que encarecia a produção e exigia administração profissional, se valeu de seções temáticas tais quais as presentes nas concorrentes, como de cinema, teatro, esportes, política internacional, arquitetura, feminina, infantil, entre outras, entretanto, estes espaços pouco duraram na revista, surgindo numa edição e desaparecendo, na maioria das vezes, na seguinte. Porém, há de se ponderar que na sua segunda fase, sob a gestão de Manoel Hasslocher, as seções foram mais duradouras e lúdicas (diversos passatempos típicos de periódicos), ainda que mantivessem o tom doutrinário.

Anauê! surgiu com pretensões consideráveis, dadas as características de produção e seu volumoso interior, com 64 páginas, montante que foi reduzido pela metade a partir da quinta edição, depois que a redação denunciou alguns reveses administrativos em seu editorial. A revista empregou imagens, fotos e cores (poucas) para divulgar sua doutrina, ideologia e partido político, mas essas estratégias aos poucos diminuíram em quantidade, provavelmente pelos altos custos de produção. Além disso, a manutenção, especialmente na primeira fase, daquele conteúdo doutrinário, prejudicou sua circulação no mercado revisteiro, pois eram temáticas pouco atraentes para leitores comuns que não buscavam debates, notas ou informações sobre questões ideológico-políticas. Some-se a isso o seu elevado custo de aquisição, o dobro (2\$000) em relação à principal revista ilustrada do período, *Cruzeiro* – que era semanal, ao passo que *Anauê!* era mensal. Em relação à outra revista semanal, *Careta*, o valor de uma *Anauê!* correspondia a quatro números da concorrente.

Mesmo que doutrinária, é preciso reconhecer que dissolveu o debate político pesado por meio da imagem e da pilhéria. Ainda que esse teor menos

denso seja encontrado com mais ênfase na segunda fase de *Anauê!* (as dez últimas edições da revista), destaca-se o esforço em levar ao militante e ao leitor geral uma descrição mais simplificada e acessível da doutrina integralista e do cenário político nacional e internacional, característica oposta, por exemplo, ao conteúdo encontrado em outra revista verde, a *Panorama*, que divulgava herméticos e extensos textos teóricos em suas páginas.

Tendo em vista este formato, é possível identificar que em *Anauê!* o comunismo foi um dos elementos de maior destaque, ainda que não fosse o numericamente mais recorrente nos conteúdos principais. Isso se explica por uma estratégia editorial que se acentuou aos poucos nesta revista, cujo leitor era atraído por chamadas ou títulos aleatórios (iscas), sendo o comunismo criticado no desenrolar da leitura ou da apreciação da fotografia ou imagem. Além disso, é preciso lembrar que a revista se esforçava para apresentar novidades que atraíssem público, o que a forçava a diminuir ou, pelo menos, diluir o conteúdo doutrinário em suas páginas.

Essa estratégia se explica porque, tal como esclareceu Eliana Dutra, o comunismo foi, em âmbito internacional, o grande tema motivador de ações e participações em movimentos e debates políticos e ideológicos nos anos 1930, caso que se repetiu no Brasil, especialmente após o levante de novembro de 1935, popularmente conhecido como a Intentona Comunista¹², amplamente explorado pela imprensa para denegrir a ideologia moscovita¹³. A partir daí o inimigo real estava selecionado, o mal identificado como estrangeiro, inclusive com a atribuição de um rosto a ele: o de Stálin¹⁴.

A construção do comunismo como inimigo foi a toada de grande parte da imprensa brasileira naquele momento, colocando em ação as engrenagens do que Rodrigo Patto Sá Motta classificou de “Indústria do Anticomunismo” que, em suas palavras, nada mais é do que a manipulação oportunista do medo ao comunismo presente em vários setores da sociedade, utilizado em diferentes momentos da história brasileira¹⁵.

Neste sentido, não foi por acaso que *Anauê!*, quando publicou alguma imagem de um líder internacional em tom crítico, foi o líder soviético o escolhido. É necessário lembrar que a AIB apenas fomentou uma onda já existente, não sendo a criadora deste anticomunismo. Tanto liberais como fascistas e integralistas se colocaram nas fileiras contrárias aos movimentos de esquerda, erigindo uma visão pública e negativa do comunismo.

Como atesta a bibliografia acadêmica sobre a AIB, o anticomunismo foi crucial para o estabelecimento de uma postura dos “camisas-verdes”, que se apresentavam como defensores do bem contra a enfermidade que representavam as ideias de Moscou. Ainda que haja divergências nesta própria bibliografia sobre a primazia do anticomunismo nas publicações integralistas,

é inegável sua constância e importância. Por exemplo, Héglio Trindade afirma que no conjunto de textos impressos e ideológicos integralistas, o antiliberalismo é mais acentuado que o anticomunismo¹⁶. Já Rodrigo Oliveira, em seu esforço de compreender toda a estrutura periódica verde, defende que apenas nos textos teóricos não houve concentração de escritos sobre o comunismo, sendo que a imprensa informativa trabalhou fortemente sobre o tema¹⁷.

No que se refere à revista *Anauê!*, o comunismo de fato não estava entre os assuntos mais abordados em termos quantitativos, porém, sem sombra de dúvidas, era tratado com mais contundência e acidez que os outros. Se não era o mais numeroso, era o mais impactante. Diferente dos escritos teóricos de *Panorama* e dos livros, nesta revista o debate se dava de forma primária e panfletária. O comunismo era identificado com morte, escuridão, assassinatos, doenças etc., sempre de forma superficial, sem aprofundamento e dados objetivos.

O foco era erigir um clima de tensão e medo, sempre alimentando a ideia de que as forças comunistas no país estavam fortes o suficiente para tomar o poder, inclusive já organizadas para tal feito. Ainda que não estivesse entre as temáticas principais de *Anauê!*, o comunismo mostrou-se sempre presente em suas edições, pouco aparecendo como centro dos escritos, mas muitas vezes citado, e necessariamente de forma pejorativa. Em suas 22 edições, entre os 375 textos veiculados, apenas 14 tiveram como mote principal o comunismo. Por outro lado, observando os escritos que citaram questões ideológicas, que por sua vez somam 148 textos, distribuídos nas 22 edições, percebe-se que o comunismo foi o alvo principal, como demonstra o quadro abaixo.

QUADRO POSICIONAMENTOS POLÍTICOS-IDEOLÓGICOS DE ANAUÊ!*

Orientação	1ª fase	2ª fase	Total
Contra o comunismo	41	28	69
Contra a liberal-democracia e o capitalismo	27	11	38
Contra o materialismo**	11	1	12
Pró-Fascismos	4	9	13
Antissemita	8	3	11
Contra Getúlio Vargas***	5	---	5
Pró-Vargas	---	---	0

*Total geral, contabilizando as seções da revista. Aqui não entraram os recursos imagéticos (fotografias, desenhos, tirinhas e charges) nem frases soltas pela revista.

**Termo entendido como apego aos bens materiais, necessidade de consumo.

***Todas bastante sutis.

Como se observou, o comunismo foi citado 69 vezes, mas em apenas 14 artigos apareceu como tema central, manifestação velada de como a revista dava importância à questão, mas a diluía em outros assuntos, não incorrendo em um ataque maçante e sistemático ao comunismo. Fica explícito um projeto

editorial no qual, por meio de variação de conteúdo, orientava politicamente o leitor de forma doutrinária.

Anauê!, como antípoda da imprensa chamada por eles de burguesa, preferiu, num primeiro momento, divulgar seu próprio movimento, apresentando-o como alternativa às experiências políticas fracassadas. Já em sua segunda fase (1937), optou por entrar na disputa eleitoral privilegiando essa temática em seu conteúdo, já que o chefe da AIB, Plínio Salgado, concorreria às eleições presidenciais marcadas para 1937. Sempre, claro, recheando as páginas com críticas e ironias ao modelo comportamental burguês, ancorado no materialismo e na vida urbana cosmopolita, e ao comunismo, compondo o coro que não apenas se manifestava na imprensa integralista, mas também na empresarial, como, por exemplo, na revista *O Cruzeiro* ou no jornal *O Estado de S. Paulo*¹⁸.

Em *Anauê!*, o comunismo foi tratado via textos e imagens, e com maior frequência na primeira fase: dentre os artigos teve doze entradas, e na segunda aparece em apenas duas, nas edições 15 e 22. Na primeira fase, o debate concentrou-se no comunismo internacional e nas ações da ANL, em novembro de 1935. Isto é, o alvo sempre foi a doutrina externa, que poderia influenciar maleficamente os brasileiros, ou os “resultados” dela em solo nacional, sendo o exemplo indefectível a chamada “intentona comunista”.

Jefferson Barbosa lembra que era crucial para esses movimentos balançar a bandeira comum do repúdio e afrontamento às organizações de esquerda¹⁹ – o que se viu inclusive recentemente em algumas manifestações de rua pró-fascistas em certas capitais do Brasil, pedindo ademais a volta da Ditadura Militar, demonstrando apoio ao caráter anticomunista daquele regime. O autor complementa explicando como a AIB atuou naquele íterim dos anos 1930:

Estas duas dimensões das disputas ideológicas: a sociedade civil e a sociedade política, segundo Gramsci, são ocupadas por duas estratégias as quais denominou guerra de posição e guerra de movimento. A primeira, a ocupação de espaço na sociedade civil influenciando a opinião pública e a propaganda política visando à aquisição de novos militantes e, na segunda, a inserção dos militantes nas estruturas políticas institucionalizadas, através da estratégia eleitoral, visando a conquista da hegemonia política.

O integralismo de Plínio Salgado, atuando nestas duas dimensões apresentou-se como proposta de salvaguardar o Brasil, em específico, do “eminente” perigo comunista, e, a atuação dos integralistas na sociedade civil e na sociedade política a partir de 1932²⁰.

Para tanto, valeu-se de uma “lógica” anticomunista nos escritos de imprensa e nos eventos públicos, sempre alertando para um suposto e iminente

golpe por parte dos vermelhos. Até mesmo para justificar novos posicionamentos o anticomunismo era usado, como bem demonstraram os textos de Gustavo Barroso²¹, impregnados de antissemitismo. Carlos Gustavo Nóbrega de Jesus levantou a hipótese, bastante plausível, de que Barroso valia-se de uma leitura crítica do comunismo para atenuar os elementos raciais de seu discurso, o que permitia divulgar suas iniciativas antijudaicas em uma aparente crítica política²². Isso é perceptível em alguns artigos de Barroso em *Anauê!*, na qual estabelece relações superficiais entre o comunismo e a história de Israel²³. Nóbrega de Jesus expõe a “lógica” de Barroso:

A ligação impossível entre capitalismo e comunismo era resolvida por ele, atribuindo aos dois um dominador e um objetivo comum, o judaísmo internacional e o controle da sociedade mundial. Nesse sentido, a passagem de um capitalismo internacional para o comunismo seria possível graças ao elemento judeu, responsável por essas duas formas de desagregação dos valores tradicionais da sociedade²⁴.

Trata-se de reconhecer que em nenhum momento se realizou discussão aprofundada sobre este tópico (comunismo), prevalecendo o tom panfletário. Essa tendência não era privilégio de *Anauê!*, mas até mesmo de livros dentre os menos teóricos. Por exemplo, naquele contexto, o médico integralista Wenceslau Júnior publicou *O integralismo ao alcance de todos*, escrito em linguagem popular e simplista, para chegar ao militante mais humilde e até mesmo às crianças. Ali resumiu as pretensões vermelhas como segue:

O comunismo é uma porção de homens que também querem tomar conta do Brasil, para judiar com seus pais e desrespeitar a sua mãe e as suas irmãs. Se o comunismo vencer, você não será mais de seu pai. Pertencerá ao governo. Não morará mais em sua casa; não viverá com seus irmãos; não poderá tomar a benção de seu Pai e de sua Mãe. O comunismo acabará com tua família²⁵.

A estratégia era criar um clima de medo e tensão, sem nenhum embasamento teórico, apenas com o intuito de atrair militantes para as hostes da AIB. A revista ilustrada verde seguiu o mesmo caminho. Em sua terceira edição, que circulou em agosto de 1935, as palavras do médico pareciam reproduzidas em outra ordem nas páginas da revista. Em texto intitulado “Pão, Terra, Liberdade!” (lema comunista), a redação contrapõe o mote integralista “Deus, Pátria, Família”, até mesmo defendendo o sistema produtivo dos EUA em comparação ao soviético. Ou seja, para atacar o comunismo pinça como exemplo um modo de produção que também era alvo do integralismo: o li-

beralismo norte-americano. Mas o objetivo mesmo era denegrir sem cautela a ideologia vermelha:

Sem Deus, sem Pátria e sem Família, não pode existir nem terra, nem pão, nem liberdade.

Quereis a prova?

I – O Pão

Na Rússia um operário precisa trabalhar 17 horas para obter o alimento que um operário nos Estados Unidos obtém em 4 horas. Sabendo-se que o operário americano, no cruel regime liberal-democrático, já não está bem, calcule-se que pão come o operário russo.

II – A Terra

Na Rússia a terra é do camponês, mas a colheita pertence ao governo. Há dias veio um telegrama anunciando o fuzilamento de vários camponeses, por terem escondido um pouco de trigo para alimentarem suas famílias [...]

III – A Liberdade

Acaba de ser anunciada a pena de morte para crianças de 12 anos para cima. Quem anuncia? A agência telegráfica a serviço do próprio Soviet.

CONCLUSÃO

[...] Tereis de trabalhar 17 horas para comer mal. Podereis ter a terra, mas nunca o fruto da terra. Vossos filhinhos serão condenados à morte [...]²⁶.

É explícito o objetivo de impactar, de apontar os russos comunistas como assassinos cruéis de crianças. Mas não só. A ideologia estrangeira destruiria as famílias, os casamentos e os empreendimentos das pessoas honestas, pois apenas os vagabundos, os bandidos e as prostitutas seguiriam tal movimento. Foi assim que trataram o levante da ANL em Natal:

Das 19 horas de 23 às 4 horas de 27 de novembro, estive a capital Potiguar sob o domínio dos comunistas.

Quase 21 horas de rajadas de metralhadoras, fuzis, tiros secos de armas curtas. Caminhões cheios de bandeiras vermelhas, gritos, ameaças, insultos! Prostitutas armadas e eloquentes distribuía prospectos concitando as famílias à adesão. E gritando que “tudo era igual e se acabara essa história de muié casada...”.

Os principais armazéns arrombados pelos embates dos caminhões e saqueadores enquanto a “Junta Governativa Operária” mandava que o comércio abrisse, porque garantia tudo e todos. Assalto aos bancos, cofres abertos a maçarico, a talhadeiras.

Uma multidão de desconhecidos, de vagabundos, de vadios, armados, municiados e *sequiosos de sangue, de morte e de gozo sexual!*

Todos os presos da penitenciária foram libertos e andaram incendiando cartórios e depredando, de fuzil em punho e revólver na cinta. Baixezas incríveis.²⁷

Essa era a imagem pública do comunismo proliferada por *Anauê!*, uma ideologia que se satisfazia com sangue, morte e sexo. Dessa forma, o projeto de nação forte, saudável e moral (palavras de ordem integralistas) tornava-se uma quimera, já que as famílias seriam destroçadas, a violência viraria rotina e a promiscuidade tomaria conta das relações humanas. Todo o esforço integralista se opunha a isso, zelando pela família tradicional, pela harmonia e pela higiene nas relações sexuais monogâmicas, evitando doenças e, conseqüentemente, a destruição da raça²⁸.

Na edição n. 11, de junho de 1936, última vez em que o comunismo apareceu como tema central de um artigo na primeira fase, a revista veiculou os dez mandamentos do comunismo, reunindo tudo o que um adepto da doutrina deveria fazer. Eram os seguintes: Odiar o Senhor vosso Deus; amaldiçoar vosso Deus e Senhor; Desprezar o dia do Senhor; Desprezar pai e mãe; Matar; Impureza; Furtar; Mentir; Desejar a mulher do próximo; Preparar a revolução universal. Cada item dessa lista prolixa seguia com uma breve explicação e o texto terminava com apelo emocionado às famílias:

Aí está, brasileiros, o tenebroso plano comunista. Urgo, portanto, a união sagrada de todos os filhos da grande Pátria Cristã, em defesa dos direitos de Deus, da Pátria e da Família²⁹.

Na segunda fase, os dois artigos que abordaram o comunismo foram menos agressivos, o primeiro relatando o ataque desesperado dos comunistas contra o fascismo na Europa, e o último, na derradeira edição, denunciando um suposto ataque comunista a um trem que carregava integralistas³⁰.

Esse tom menos ácido nos artigos não significou arrefecimento. Muito pelo contrário. A mensagem mais incisiva passou a ser visual e curta, com charges, fotografias e frases soltas, além de rápidas explicações na seção “Internacional”. É notório que as frases soltas de ataque ao comunismo avultaram a partir da 18ª edição, quando iniciam as tratativas entre Plínio e Vargas³¹. Se antes essas frases eram usadas para propagandear a candidatura de Salgado, a partir dali também para o anticomunismo. Percebe-se como ao mesmo tempo em que denunciou o comunismo, a revista tratou de elevar o nome do integralismo e de demonstrar o seu apoio às forças governamentais:

Contra um governo de frentes populares e de escravização à Rússia Soviética; contra a tirania plutocrática dos agentes do banqueirismo internacional,

- vote em Plínio Salgado, o candidato do Brasil³².

O comunismo será a derrocada do lar. Só uma força se levanta ao lado da armada e do exército contra a onda vermelha: o integralismo³³.

Um povo organizado, disciplinado, coeso se levantou para sustar a marcha do Gengis-Khan moscovita³⁴.

No caso da iconografia utilizada por *Anauê!*, a mensagem era clara. Durante a segunda fase, a imagem ao lado de críticas veiculadas na seção “Internacional” foram os espaços de maior concentração de discussões ideológicas, especialmente voltadas para a defesa do fascismo e impugnações ao comunismo. A imagem seguinte resume bem essa tendência, cujo caos é sinônimo de Moscou/Esquerda e a ordem e a estabilidade são relacionadas à Roma de Mussolini:

Figura 1: Os caminhos de Roma e Moscou



Anauê!, n. 15, p. 21

Esse tipo de pedagogia visual foi constante nessa fase de *Anauê!* sob o comando de Hasslocher. Diferente de Eurípedes Menezes, que não se valeu de charges ou cartuns, o novo dirigente entendeu que a imagem era eficiente na transmissão de ideias anticomunistas para público ampliado. Predominou, mais uma vez, o foco sobre a política internacional, recurso que permitia à AIB defender sua visão de mundo sem se indispor com forças nacionais diretamente. Também isso pode refletir a pouca força da esquerda brasileira após 1935, quando o governo Vargas impôs leis e controle mais ferrenho sobre suas ações. Ou seja,

não encontrando atividades de fato impactantes do comunismo nacional, a saída foi debater o internacional, insistindo nos perigos que poderiam trazer à nação.

Por isso Stálin tornou-se ícone de perversidade, tendo sua imagem e nome associados constantemente ao diabo, à tortura, à mentira e à destruição. Segue uma referência de seu comportamento comparando-o a uma cobra:

Informam telegramas de Moscou que Stálin, ao receber um embaixador vermelho da Espanha, abraçou-o e beijou-o amorosamente. Afora a falta de higiene deste gesto e afora as cócegas do bigode tártaro do sultão do Kremlin, estas carícias não são nada para desejar...

As jararacas também lambem as vítimas antes de mordê-la. E os antecedentes do ditador vermelho não são nada recomendáveis. Stálin é um grande admirador de Judas. Mandou até erguer a estátua do traidor em uma praça de Moscou. Admirador e imitador. Judas, com um beijo e trinta dinheiros entregou e vendeu o Mestre.

Com trinta dinheiros e um beijo Stálin quer crucificar a Espanha!³⁵

Interessante notar como em vários excertos a revista faz referência a telegramas, a notícias ou denúncias sobre a União Soviética, sem citar ou oferecer as fontes de suas informações. Cai num denunciamento aleatório e retórico, como franca atiradora, preocupando-se apenas com o alvo. Não menos interessante é o apelo, sempre que possível, à questão religiosa, fortemente presente na AIB e na sociedade brasileira, comparando o líder soviético a Judas, apontado como traidor e ganancioso. Stálin era convertido, na interpretação bíblica de *Anauê!*, no traidor de Jesus, construção bastante eficaz na doutrinação de cristãos brasileiros.

Essa alcunha de carrasco e cruel foi alimentada constantemente, sendo que o líder soviético não poupava, de acordo com a visão dos “camisas-verdes”, nem mesmo as pessoas que trabalhavam com ele, como seu secretário. A seguir uma charge que expõe a crueldade do regime comunista junto aos trabalhadores, tal como *Anauê!* interpretava, ver *Figura 2*.

A Figura 3, em seguida, revela Stálin como um gigantesco monstro pulando as muralhas do Kremlin, ao passo que cadáveres e ossadas aparecem como consequência dessa expansão da doutrina comunista, escorrendo como esgoto escoado da cidade. O título diz “Quando o Soviet transpõe as muralhas do Kremlin... leva a morte e destruição nos seus passos” (continuação no centro e à direita da imagem). Já a legenda denuncia a influência soviética na China, o que estava causando revoltas e mortes naquele país: “Essa alegoria impressionante fixa o rastro de Moscou no solo desgraçado da China. Mas os caminhos vermelhos também cortam as nações do Ocidente. E a Espanha é uma etapa atingida – etapa de sangue e de desolações”.

Figura 2: Stálin e seu secretário



Anauê!, n. 19, p. 24

Figura 3: Soviet pulando o muro do Kremlin



Anauê!, n. 15, p. 27

Mas não apenas Stálin era apontado como o culpado por todos os males. O fato é que realmente fora o alvo principal, posto que governava a União Soviética, mas nas elucubrações da seção “Internacional” de *Anauê!* todo comunista era avaliado no mesmo grau, assim como suas dissensões internas eram ignoradas. Por exemplo, quando abordaram o refúgio de Trotsky no México, não mencionaram nada sobre seus desentendimentos com Stálin. Pelo contrário, Trotsky foi acusado de vir para a América pescar militantes e causar desagregações.

Informam notícias fresquinhas do México, que Trotsky, o agitador vermelho de nariz adunco e lunetas de agiota resolveu, “abandonar a civilização” e internar-se pelas florestas para caçar e pescar. Isto de “abandonar a civilização” é conversa fiada, porque na Civilização ele nunca viveu.

Mas ainda bem que o diabólico Catilina vermelho resolveu caçar lebres em vez de homens e pescar peixes em vez de conspirações.

Não teve sucesso catequizando homens, foi ver se catequizava feras.

Se Trotsky recebesse o meu recado, eu lhe mandaria uma sugestão: não seria melhor que em vez de caçar e pescar, fosse ele cultivar a terra, quer dizer, plantar batatas?³⁶

Aliás, não apenas os personagens de destaque do comunismo soviético preocupavam os “camisas-verdes”, como também os líderes que surgiam em outros países, daí sustentavam a ideia de conspiração internacional que chegava ao Brasil. Em texto que chamava a atenção para as eleições em todo o mundo e para os comunistas da Europa, finaliza alertando o Brasil acerca dos perigos vermelhos pulsantes:

As eleições em todo o mundo estão sendo disputadas entre os comunistas e os nacionalistas. Os partidos liberais envelheceram tanto que ficaram feito os cegos do Ceará: só andam guiados por uma varinha puxada por um menino. E o “menino de cego” de todo esse pessoal é o Komintern.

Menino vadio, perverso, levado da breca que vai metendo o pé em tudo o que está na frente para dar passagem ao seu cego.

O cego da França se chamava Léon Blum. O cego da Espanha se chamava Azaña. O cego da Bélgica é aquele acaciano Sr. Van Zeeland. O menino de cego foi dando pontapé em todo mundo, por toda a parte. Escondendo traquinamente a urna para os Degrelle, os Gonzales e os nacionalistas do mundo inteiro, enfim, não poderem votar.

Há quem busque, quem ache graça nas traquinadas do menino cego... Mas cuidado! É bom não brincar com ele. Ele está no Brasil também, porque o Brasil também tem o seu cego. É cego mesmo, mais cego do que os outros...³⁷

Como se vê, na avaliação da revista, todo e qualquer comunista era cego. Não enxergava a realidade perversa advinda com a ideologia vermelha. Sempre que possível, *Anauê!* ironizava ou denegria algum líder ou partido comunista espalhado pelo mundo. Léon Blum, líder da esquerda francesa, esteve entre os mais apontados, sendo acusado de baderneiro e de larápio. Quando perdeu seu posto, a revista não se conteve e proferiu: “Aliás, não é nada de admirar, pois o destino de toda fruta podre é cair...”³⁸.

Quanto à Bulgária, a revista comemorou a prisão do considerado braço direito do líder comunista Georgi Dimitroff, em Genebra. E a seguir achincalhou: “ – Pobre Dimitroff! O que irá fazer sem seu braço direito? – Continuar a roubar com o esquerdo mesmo”³⁹. No entanto, na última vez em que a seção “Internacional” circulou, em novembro de 1937, ponderou que o comunismo estava espalhado feito peste em todo mundo porque se baseava em problemas sociais para os quais propunha uma alternativa. Como havia problemas sociais em todo o planeta, garantia seus seguidores. Por isso *Anauê!* afirmou que a solução para expurgar o inimigo vermelho era oferecer programas e soluções melhores e mais eficientes. Apontou Alemanha, Itália, Espanha e Portugal como exemplos, e claro, o integralismo, como a solução brasileira⁴⁰.

É por isso que, em diversos momentos, autores integralistas convergiram com as ideias de Plínio Salgado que, em tese, não via o comunismo como o alvo principal. Segundo ele, deviam atacar as moléstias sociais que propiciavam o desenvolvimento do comunismo entre os trabalhadores. Portanto, a meta era oferecer uma alternativa mais coesa e efetiva que os vermelhos. O problema era o materialismo impregnado na sociedade, fomentado tanto pelo liberalismo burguês como pelo comunismo internacional. O mundo material afastava os sujeitos da vida espiritual, sendo a raiz de todos os males⁴¹.

Consequentemente, a linha de doutrinação de Plínio Salgado estava focada no comportamento do militante, na espiritualidade e na crítica ao materialismo. Embora essa fosse sua visão, ficou evidente que em *Anauê!* o materialismo pouco foi citado e o liberalismo apareceu como coadjuvante. Na revista ilustrada verde, cujo objetivo era ampliar a mensagem integralista para grande número de pessoas, o comunismo surgiu como a grande peste, o inimigo internacional a se combater com o fito de salvaguardar o Brasil de suas influências. Embora não tenha sido a temática principal da revista, é preciso reiterar que, quando tratou de fazer críticas político-ideológicas, a doutrina vermelha foi acidamente fustigada.

O que a análise conduzida nesta pesquisa explícita é uma espécie de engenharia editorial muito bem projetada em *Anauê!* para angariar leitores que não necessariamente fossem “camisas-verdes”. Mesmo com as críticas do Chefe Nacional da AIB à imprensa burguesa, em certo momento os integra-

listas perceberam que precisariam se valer dos mesmos recursos do “inimigo” para seduzir a opinião pública. Neste quesito, a revista ilustrada *Anauê!* surgiu como o elemento que contemplaria estas novas características, mais leves e acessíveis, para que os objetivos do partido fossem atingidos: inflar as hostes verdes com novos militantes e/ou eleitores. Para tanto, valeram-se da vulgarização da informação, abusando de textos e imagens panfletários, superficiais, mas bastante eficazes para a doutrinação pública.

RESUMO

O trabalho tem como objetivo demonstrar a forma superficial com que as questões ideológicas foram tratadas na revista integralista *Anauê!*, em especial o comunismo, identificado como inimigo da nação (e do mundo) no contexto dos anos 1930. Importa compreender os mecanismos de doutrinação, utilizados por um partido político que dialogava com o fascismo, para a sedução de novos leitores e para a construção de “verdades” que careciam de substrato do mundo real.

PALAVRAS-CHAVE

Revista *Anauê!*; Comunismo; Integralismo.

Communism in the pages of magazine Anauê! (1935-37): the (inter)national enemy

ABSTRACT

The study aims to demonstrate the superficial way in which ideological issues were approached in magazine *Anauê!*, especially the communism, identified as the troubling enemy of the nation (and of the world) in the context of the 1930s. It's important to understand the indoctrination mechanisms used by a political party that dialogued with fascism, for the seduction of new readers and for the construction of “truths” that lacked real world substrate.

KEYWORDS

Anauê!; Communism; Integralism.

NOTAS

1. Doutor (UFG), mestre (UNESP/Assis) e graduado (UNESP/Assis) em História. Professor do Instituto Federal do Paraná (IFPR/Jacarezinho). Pesquisador no Grupo História das Direitas e do Autoritarismo (CNPq). Vice-líder do Grupo de Pesquisa Ensino, Linguagens e suas Tecnologias – GECLIT (IFPR/CNPq). Pesquisa financiada pela CAPES. Contato do autor: rodhistoria@yahoo.com.br.

2. Ver ADAM, Peter. *Art of the Third Reich*. New York: Harry N. Abrams, 1995; e WELCH, David. *The Third Reich: politics and propaganda*. Londres: Routledge, 1995.
3. TRINDADE, Helgio. *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30*. São Paulo: Difel, 1979, p. 91-98 e 116.
4. FIORUCCI, Rodolfo. *A trajetória da revista Anauê! (1935-1937): o jornalismo partidário e ilustrado da Ação Integralista Brasileira - a "netinha" que não cresceu*. Goiânia: UFG, 2014, p. 78. (Tese em História) O presente artigo é fruto da pesquisa que originou esta tese.
5. O adjetivo "verde" é aqui utilizado para referenciar a imprensa integralista, pois os militantes deste movimento e partido político usavam um uniforme nesta cor, sendo comumente conhecidos como camisas-verdes.
6. FIORUCCI, Rodolfo, *op. cit.*, p. 103.
7. Por exemplo, Rodrigo Santos de Oliveira, em suas dissertação e tese, faz uma avaliação superficial de *Anauê!*, até porque esta não era seu foco, mas sim o comunismo e a estrutura de imprensa integralista, respectivamente. OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. *Imprensa integralista, imprensa militante (1932-1937)*. Porto Alegre, RS: PUC-RS, 2009. (Tese em História). "Perante o tribunal da História": o anticomunismo da Ação Integralista Brasileira (1932-37). Porto Alegre: PUC-RS, 2004. (Dissertação em História) Rogério Souza Silva, por sua vez, objetivou esclarecer como a revista transmitia uma imagem sacra da AIB e seus líderes, o que é correto, mas que está longe de ser seu mote principal SILVA, Rogério Souza. *A política como espetáculo: a reinvenção da história brasileira e a consolidação dos discursos e das imagens integralistas na revista Anauê!*. *Revista Brasileira de História*, v. 25, n. 50, São Paulo, p. 61-95, 2005. Os trabalhos de Carine Leal, Alexandre Pinheiro Ramos, Murilo Paschoaleto e Caio Cesar Gabriel, todos a apontaram como principal meio de propaganda ideológica do integralismo. LEAL, Carine de Souza. *Imprensa Integralista (1932-1937): propaganda ideológica e imprensa partidária de um movimento fascista no Brasil dos anos 30*. Porto Alegre: UFRGS, 2006. (monografia em História); RAMOS, Alexandre Pinheiro. Estado, Corporativismo e Utopia no pensamento integralista de Miguel Reale (1932-1937). *Revista Intellectus*, ano 7, v. 2, p. 1-22; PASCHOALETO, Murilo. Imprensa integralista: uma discussão acerca de sua importância para a expansão da Ação Integralista Brasileira. *Revista Espaço Acadêmico*, n. 124, set. 2011. _____. A Alemanha nazista retratada nas páginas dos órgãos da imprensa integralista *Anauê!*, *Ação* e *A Offensiva* (1932-1939). *Revista Urutágua*, n. 22, set.-dez. 2010, p. 42-52.; GABRIEL, Caio César. *A construção da mitologia integralista por meio da iconografia da revista Anauê! (1935-1937)*, 2008. Disponível em: http://www.anpuhpb.org/anais_xiii_eeph/autores.html. Acesso em: 10 abr. 2011. Apenas Tatiana Bulhões tomou cuidado em não medir o grau de importância da revista, ocupando-se com análises pontuais de imagens da mesma. BULHÕES, Tatiana da Silva. "Evidências esmagadoras de seus atos": fotografias e imprensa na construção da imagem pública da Ação integralista Brasileira (1932-1937). Rio de Janeiro: UFF, 2007. (Dissertação em História).

8. “Entrando no terceiro ano de vida, surge “Anauê!” revigorada e a *caminho de ser o periodico que sempre idealizámos*. Os dois primeiros anos foram um período de luctas, de penetração, de experiencias e *dificuldades*[...]”. ANAUÊ!, n. 13, p. 29. Grifos meus.
9. MONITOR INTEGRALISTA, ano V, n. 17, 20 fev. 1937 – grifos meus.
10. ANAUÊ!, n. 13, março 1937, p. 15 – grifos meus.
11. ANAUÊ!, n. 1, janeiro 1935, s/p – grifos meus.
12. Designação cunhada pelos meios oficiais com uma intenção depreciativa, foi um movimento deflagrado em 23 de novembro de 1935, em Natal, pelos sargentos, cabos e soldados do 21º Batalhão de Caçadores. No dia 24 de novembro, sublevou-se o 29º Batalhão de Caçadores, sediado na Vila Militar de Socorro, a 18 quilômetros de Recife. No dia 27, a revolta eclodiu no Rio de Janeiro, então Distrito Federal, no 3º Regimento de Infantaria, da Praia Vermelha, e na Escola de Aviação Militar do Campo dos Afonsos. Todos esses levantes foram promovidos em nome de uma revolução popular e da Aliança Nacional Libertadora (ANL).
13. DUTRA, Eliana Regina de Freitas. O ardil totalitário: imaginário político no Brasil dos anos de 1930. 2ª ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012, p. 24.
14. Idem, p. 45.
15. MOTTA, Rodrigo Patto Sá. A “Indústria” do anticomunismo. *Anos 90*, n. 15, 2001/2002, p. 71.
16. TRINDADE, Helgio. *Op. Cit.*, p. 238.
17. OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. *Imprensa integralista, imprensa militante (1932-1937)*. Porto Alegre, RS: PUC-RS, 2009. p. 212-213. (Tese em História).
18. SILVA, Carla Luciana. *Onda vermelha: imaginários anticomunistas brasileiros (1931-1934)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001, p. 180.
19. BARBOSA, Jefferson Rodrigues. Plínio Salgado e o anticomunismo dos intelectuais do sigma. In. RODRIGUES, Cândido Moreira; BARBOSA, Jefferson R. (orgs.). *Intelectuais e comunismo no Brasil: 1920-1950*. Cuiabá: EDUFMT, 2011, p. 41
20. Idem, p. 42.
21. Advogado e jornalista, nascido em Fortaleza no ano de 1888. Junto com Plínio Salgado e Miguel Reale, compunha as lideranças principais da AIB. Barroso, como bem explanam algumas de suas obras, alimentava a ideia de que havia um complô judaico internacional. Ver, por exemplo, a tradução e os comentários que faz de *Os protocolos dos sábios do Sião* e seu livro *Brasil, Colônia de banqueiros*.
22. JESUS, Carlos Gustavo Nóbrega de. O anticomunismo de Gustavo Barroso: a crítica política como instrumento para um discurso antissemita. In. RODRIGUES, Cândido Moreira; BARBOSA, Jefferson R. (orgs.). *Intelectuais e comunismo no Brasil: 1920-1950*. Cuiabá: EDUFMT, 2011, p. 15.

23. Ver ANAUÊ!, n. 1, s/p.
24. JESUS, Carlos Gustavo Nóbrega de. *Op. Cit.*, p. 24.
25. Citado por TRINDADE, Helgio. *Op. Cit.*, p. 241.
26. ANAUÊ!, n. 3, p. 8.
27. ANAUÊ!, n. 6, p. 16 – grifos meus.
28. Importa salientar que as ideias de eugenia eram fortes naquele momento e foram adotadas pela AIB como recurso para melhoria da raça brasileira, por isso falavam muito em relações monogâmicas, higiene e exercícios físicos constantes. Para detalhes sobre os debates em torno da questão da raça no Brasil, naquele contexto, ver SKIDMORE, Thomas. *Preto no Branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
29. ANAUÊ!, n. 11, p. 26.
30. Respectivamente, edições n. 15, p. 17 e n. 22, p. 41.
31. No segundo semestre de 1937, Plínio Salgado e Getúlio Vargas se comunicavam vislumbrando um possível apoio do primeiro ao segundo, num eventual golpe. Isso se deu mediante a desistência de Salgado em concorrer à presidência e ao manifesto apoio dos integralistas ao presidente Vargas.
32. ANAUÊ!, n. 18, p. 46.
33. ANAUÊ!, n. 20, p. 61.
34. ANAUÊ!, n. 21, p. 36.
35. ANAUÊ!, n. 16, p. 26.
36. ANAUÊ!, n. 18, p. 24.
37. ANAUÊ!, n. 20, p. 12.
38. ANAUÊ!, n. 18, p. 24.
39. ANAUÊ!, n. 20, p. 12.
40. ANAUÊ!, n. 21, p. 30.
41. COSTA, Luis Mario Ferreira. Liberalismo e Comunismo: “as duas faces de Satanás” no jornal *A Offensiva*. In. GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte. *Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista*. Vol. 2. Guaíra: Sob Medida, 2012, p. 212-218.